

# A CONFISSÃO DE UM SUICIDA<sup>1</sup>

Leonel Alencar



## I

[163]<sup>2</sup> Era por uma dessas noites em que o vendaval passa pelo mundo como o rugir do leão por entre os carvalhos das selvas; em que a solidão da terra é profunda e tétrica; em que a morada do homem é negra e fúnebre como a cruz do descampado.

Em uma choça isolada, edificada nas areias de uma praia deserta, uma luz esclarecia baçamente o seu cendal de palha, como o brandão acendido no santuário alumina as paredes tristes do templo, ou como a lâmpada do cemitério esclarece à meia-noite as lousas das sepulturas.

Quem ali entrasse nesse momento, se julgaria dentro de um túmulo cavado no deserto, em noite de tempestade. Entretanto, num canto dessa habitação lúgubre, um moço estava ajoelhado sobre a terra revolta de uma cova escavada de fresco.

---

<sup>1</sup> ALENCAR, Leonel. A confissão de um suicida. *O Acayaba*; Jornal Scientifico e Litterario. São Paulo, SP, n. 5, p. 163-171, agosto de 1853.

<sup>2</sup> Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Tinha os braços cruzados sobre o coração, a cabeça pendida sobre o peito, e o corpo se lhe dobrava como o cipreste das catacumbas ao sopro da ventania.

A palidez lhe tinha penetrado os músculos, seus olhos eram mórbidos como o derradeiro olhar do moribundo, sua cabeça era o busto do gênio cinzelado em mármore negro.

Mudo como o mausoléu das campas, lívido como a face de um cadáver, gélido como a lápide de um sepulcro, se diria o anjo do cemitério orando pelo sossego dos mortos, com suas vestes negras como o crepe das mortalhas.

Era um moço que representava ter vinte anos, mas vinte anos consumidos por uma dessas dores que estalam a alma com suas antenas de agonias.

Os sons de meia-noite lentos e pungentes como se fossem palpitações dolorosas do campanário vieram acordá-lo do pesadelo em que jazia, e seus gemidos foram estalos de fibras partidas, o ranger de vértebras que se esticavam no coração.

Cravou em ânsias um beijo numa urna de bronze que tinha desenterrado e ficou trêmulo como o frouxo bruxulear de um círio que esclarece uma eça de finado.

Quando pôde falar, ouviu-se estas palavras pronunciadas na prostração com a solenidade do sentimento: “Eis o último dia de minha vida; devo cumprir a derradeira missão de meu destino, e só me restará morrer. Ó, minha mãe, eu virei beijar vossas cinzas ainda uma vez.”

Calou-se. Hirto, inteiriçado e convulso caiu com lábios colados sobre o barro da cova, como o goivo descorado que tomba sobre a sepultura dos mortos.

Se diria um cadáver que o túmulo rejeitara.

## II

Ergueu-se de repente.

Lia-se em sua fronte um pensamento do inferno, desenhava-se em seus lábios a sede do martírio, e nos olhos refletia-se a labareda de uma fogueira de ossos, ateadada em sua alma pelo bafo do coração, como se reflete na lâmina do carrasco a cabeça ensanguentada do condenado.

Não era a estátua do crime erguida sobre o [164] tronco de um cadáver — nem o desenho da vingança traçado num colorido de sangue: era a imagem do ateu que ia cumprir um dever infernal da bíblia de Satanás.

Encaminhou-se a um canto da choça, e suspendeu por um argolão de ferro o alçapão enegrecido de um subterrâneo.

— Vinde — disse ele, com a voz altiva como um insulto. Sentou-se e esperou.

Como surge por entre as trevas do pensamento o anjo da inspiração, como brota às vezes na margem negra de um rio uma margarida branca, como se suspende o primeiro raio da aurora nas brumas da madrugada, assim apareceu no chão mortuário da choupana a imagem luminosa de uma mulher, bela como um transunto de Zuleika.

Tinha um sorriso nos lábios — era um poema da poesia; tinha uma chama nos olhos — era um pensamento de amor; tinha uma névoa na fronte

— era um sonho de Chénier. E tinha as pálpebras cerrando-se — era a vaidade do pejo; e tinha um movimento nos seios — era um desejo de volúpia, era uma palpitação do jaspe, era um encanto de mulher?

Trajava sedas de núpcias, um véu em desalinho e uma grinalda de noiva.

Sobre suas pulseiras de ouro rolavam dois grilhões pesados que lhe algemavam os braços burilados — esses braços que dariam a eternidade num abraço. Seus ombros mimosos, que se assustariam à queda de um anel de madeixa, eram impiamente macerados por uma argola de ferro, cujo peso fazia dobrar uma cabeça loura como Benevenuto nunca cinzelara no ouro. E a cintura derreava-se como a haste da sensitiva cerceada por uma corrente que ia prender-se ao pedestal delicado de uma coluna de argila angélica, arredando as rendas de suas roupas perfumadas a deixar ver um pé pequeno afogado por um sapatinho de cetim branco.

Era uma santa roubada do céu, a noiva de um anjo, que se achava colocada num altar do inferno para um culto de Demônio.



— Mulher, disse o mancebo, recomendai-vos a Deus e dizei-me a vossa última vontade; ides morrer a ponta de um punhal que minha mão vos enterrará no coração.

A moça tremeu toda como o coração da pomba que o abutre espedaçou, quase desfalecida, debatendo-se em sua dor. Ela lembrava as belas Arianes de van Loo — atormentada, palpitante, asfixiada pelo tormento.

— Samuel, respondeu ela, o patíbulo do condenado, o estrado da infâmia, a maldição de minha mãe lançada de seu sarcófago sagrado, nunca o suplício de te pensar um assassino, que esse pensamento me é mais terrível que o anátema de Deus.

— O suicídio pelo assassinato, o inferno pelo céu, uma eternidade de torturas para minha alma, pela salvação eterna da tua!

— Prometes?

O escárnio desbotou os lábios do mancebo. Ele estendeu o braço, que ficou imóvel e impassível como o Giaour, respondeu:

— Juro!

O braço retirou-se gelado, e os lábios tremeram. Nunca se reuniu numa palavra tanta blasfêmia, nunca um movimento traduziu tanto ateísmo. Mas como a unção da hóstia serena à alma do crente, esse juramento foi colorir o semblante da moça com os toques da resignação.

Ela levantou-se e disse:

— Jura sobre teu coração, pelas cinzas de tua mãe.

O mancebo ajoelhou-se e respondeu:

— Pela minha vingança, sobre a lâmina de meu punhal.

— Oh, sim! Eu exigia-te um sacrilégio.

— Não, como vos enganastes, senhora. — disse o moço horrendo de sarcasmo — Juro por Deus, sobre a Bíblia do Cristo.

— Samuel, eu te suplico que adoces teus lábios que a blasfêmia tisonou com sua esponja de ironia, com uma súplica de perdão ao mero beijo que te dei, pelos cabelos louros de tua Cecília de outrora, pelos olhos que te deram tanta felicidade.

O mancebo esticou-se como uma corrente de ossos, duas lágrimas — ondas de sangue araram-lhe as faces — e uma voz pronunciou estas palavras, que lhe caíram dos lábios compassadas, como caem dos galhos dos chorões sobre as folhas secas do tronco as gotas do sereno sacudidas pela brisa fria de uma noite sem estrelas.

— Ei-las, assim mesmo como eu as repito — doem e espantam.

“Sabeis o que é o amor do ateu?! — começou ele — Sabeis o que é consagrar-se a uma mulher um coração que se negou a Deus?!”

“É fazer dela a religião de sua alma; de seu corpo uma imagem de santa; de seus olhos um Evangelho; de seu sorriso a eternidade, e um inferno de seu desprezo; é adorar como um cristão o crucifixo de ouro pendente sobre seu seio; é a conservação de seu espírito, porque essa mulher se torna sua fé, seu dogma, um Deus.

“Foi assim o meu amor, foi também o carvalho isolado que a natureza plantou no descampado, onde pousava somente uma águia branca que se empenara em seu seio negro.”

O moço fez uma pausa — e continuou alterado.

[165] — Foi depois que me ultrajastes com todo despejo de uma mentira, que nasceu-me na alma este ódio implacável que te tenho.

“Não sabíeis que um homem como eu quando se vingá paga ódio por ódio, traição por torturas, escárnio por uma vingança espantosa?”

“O tigre dormia em vosso colo, tranquilo, afagado por vossas mãos de mulher. Adormecia ao cântico de vossa voz, obedecia a esses olhos, mais tímido do que a pomba dos bosques, rojava no chão, beijando a fímbria de vossa fonte. Por que o feristes no coração, por que quisestes matá-lo, ele que despedaçaria quem ousasse respirar tão perto, que seu hálito viesse

manchar-vos a neve desse corpo? Tínheis medo dele, mas quem vos ensinou sorrisos tão lindos para mentir?

“Mulher, o ateu que se vinga é o raio que asfixia, é o mar que devora, é a fera que estrangula, o canhão que bombardeia, a rocha que esmaga, o vulcão que fulmina, é a fatalidade que passa.

“Confiais agora em minha promessa? Lembrastes o suicídio, minha vingança será mais terrível porque às ânsias da morte vos ajuntarei o remorso.

“Juro, pois, por mim; vedes como estou tranquilo, acreditai.

— Ainda não, Samuel — disse a moça. — Eu te amo, é sempre um sacrilégio.

— Oh! — responde o mancebo na febre do desespero — Eu me traí, embora a máscara da hipocrisia tapasse-vos esse coração que tantos anos estudastes. Pois bem, juro por vós para vos indenizar do crime que cometi porque vos amo ainda, mulher bárbara, como outrora eu amava a donzela inocente que me recompensava.

— Agora sim — respondeu a moça com um sorriso nos lábios — ouve-me.

Estava calma como a inocência.

### III

“Tinha doze anos quando te vi pela primeira vez. Foi num baile, estavas encostado a uma coluna do salão, pálido, triste e pensativo, ainda tão jovem.

“Contemplei-te assim muito tempo. Não core, não tive ciúmes de teu passado, não me perturbei quando te vi. Fiquei pálida, triste e pensativa — chorei.

“Teu olhar sombrio, o luto de tua farda de marinheiro, tua fronte alta, tão cedo anuviada por uma meditação, como a açucena de um dia onde o orvalho nevou-se, assemelhavam-te ao anjo do amor que vinha erguer no meio dos risos um altar de lágrimas, desprezando o incenso da inocência que queimavam os olhos das virgens, sombreando-te com suas nuvens quentes erguidas dessas brasas cinzentas pela languidez, desprezando as preces que te dirigiam o ofegar de uns seios, o entreabrir de uns lábios, a morbidez voluptuosa de um corpo de mulher.

“Ainda não sabia amar como uma moça, mas amei-te como uma menina ama seu irmão.

“Pobre flor que brotara na poeira ensopada pelas lágrimas de minha mãe moribunda, sem os desvelos de um pai que cuidasse da bonina pálida que crescia isolada na campina, teu sorriso era a brisa que me afagava, teu olhar era o sol que me enfeitava, os teus beijos o orvalho do amor que me perfumava.

“Só tinha dois nomes nos lábios, dois pensamentos no cérebro, dois sentimentos no peito: um do céu, o outro do paraíso; um do anjo, o outro da virgem; ambos no coração, a eternidade e a vida, a religião e o amor, uma oração e um beijo, Deus e Samuel.

“Eu era Amélia de René, mas tu eras o Romeu de Julieta.

“Acostumei-me a amar-te assim, e quando cheguei a idade de moça reconheci a grande verdade de uma pena inglesa, que li numa folha de tua carteira: quando se começa a amar desde a época em que não é possível

conceber amor, é como o rio que tem cavado seu leito e que não muda mais dele.

“Mas que amor mais lindo, mais santo, mais profundo que o de uma irmã?!”

“Eu só lia os romances que escrevias, as poesias que me davas, os dramas que compunhas. Só cantava quando me mandavas, só estava satisfeita quando sorrias, só chorava quando estavas triste, e só tinha saudades quando partias.

“Nestes momentos derradeiros de minha vida, Samuel, consente que te recorde uma data que eu guardo na mente como Eva guardava a lembrança do paraíso.

“Ela está inscrita sobre a lápide de minha felicidade, inscrita na urna que encerra as cinzas de minha honra, inscrita na cruz que perdura a memória de meu amor, inscrita na mortalha que há de envolver o meu corpo, inscrita talvez na nuvem em que alará minha alma aos umbrais eternos do templo infinito.

“É a data desse dia em que desmaiou em teus lábios uma palavra, que foi projetar-se, sombra perdida do coração, na luz sombria de teus olhos pensativos, tão negros.

“Lembras-te, Samuel, que um dia me disseste extático, louco, desfigurado, essa frase que resume a glória de uma mulher: eu te amo?!”

“Quem diria que hoje por esses lábios que [166] Deus formara para um beijo passassem ondas de escárnio como se tivesses na alma um mar de ódio!

“Quem diria que se tornaria tão cruel essa voz que outrora me dizia tão apaixonado: *Quando cantas Cecília, tens os traços da bela cabeça com que*

*Carlo Dolci quis representar a Itália; quando oras de joelho és a mais linda que a reclusa pensativa de Paracleto; eu te vi um dia adormecida, dobrei o joelho ante teu leito, como o sacerdote se inclina diante do altar de Deus. Adorei teu corpo de marfim moldado na elegância da santidade e contemplei em delírio o palpitar de teus seios de virgem, cofres mimosos de neve onde Deus encerrou o amor e o pejo, encarnações divinas da candura e dos perfumes mais suaves dos mistérios da alma.*

“Que contraste entre outrora e hoje?!”

O mancebo tinha a cabeça amarrada nos braços e uma lágrima saltou-lhe dos olhos, lívida lava que vomita de seu seio de fogo a cratera acendida pelo enxofre do raio.

De repente, ergueu a cabeça: era o cadáver do desespero. A febre lhe tinha secado as lágrimas, sempre o mesmo semblante inexorável, apenas se diria que tinha envelhecido dez anos.

— E quando a decepção não mata o sentimento, enlouquece o coração: *é que o amor é como o fogo que acende a tocha que ele mesmo consome* — disse a voz angélica de Blanca ao último dos Abencerrages.

A moça tinha o semblante pendido sobre o seio como a margarida que se inclina na haste, ou assemelhado à garça que deixa à noite cair a cabeça sobre seu colo branco. Ela ouviu assim estas palavras que o mancebo pronunciou, inflexível como a impiedade, e a feição fria e terrível que lembrava Homôdei<sup>3</sup>, o misterioso *sbirro* do Conselho dos Dez.

— Vedes como estou calmo, Senhora! Vossos encantos que criaram meu amor não podem já matar o meu ódio. Não vos canseis em querer adoçar a minha alma, eu consagrei-a em holocausto à minha vingança.

---

<sup>3</sup> N.E. Sic. Não conseguimos identificar a que personagem se refere Alencar.

Terminais pois vossa história, que meus olhos têm sede de contemplar esse corpo que eu amei, estrebuchando no chão a revolver-se no sangue negro de um coração de víbora.

— Pois bem, Samuel, ouve a segunda fase de minha existência, a quadra de meu infortúnio: tu verás passar a derradeira diante de ti, e uma lágrima talvez que penda de teus olhos sobre meus lábios moribundos se transformará num sorriso, última fase da minha triste história. Escuta.

#### IV

“Dois dias depois que partiste a última vez, conheci um homem de trinta e tantos anos que trajava um luto pesado.

“Parecia que um longo pesar havia dado os toques da desgraça a seu semblante nobre, quebrando uma por uma as ilusões de sua mocidade. A elegância intelectual de sua cabeça se ia perdendo sob o peso do infortúnio, tinha os olhos desbotados pelas insônias, a fronte tépida como o bafo de um febricitante e lívida como a fumaça que se ergue das cinzas da fogueira.

“Era um busto de gesso que emblemava a saudade, colocado sobre uma dessas colunas do cemitério onde o coveiro esquece o crepe de um ataúde.

“Quem era esse homem, ninguém o sabia: chamavam-no o *misterioso*, encontravam-no sempre à meia-noite de joelhos sobre a laje das calçadas dos templos.

“Um dia, ele parou em minha passagem e fitou-me. O que li nesse olhar foi uma história confusa que me fez medo, porque bateu-me nos meus como a exalação fria de um túmulo — porque era como a luz de um círio refletida nos olhos de um morto. Mas eu vi uma lágrima desprender-se-lhe das

pálpebras e ir perder-se por entre os fios negros de sua longa barba que lhe cobria as faces.

“Desde então encontrei-o sempre diante de mim, imóvel, mudo, com o olhar parado. Esse homem impressionou-me — Pigmaleão também amou o mármore de Galateia.

“Se ele me amasse, em que me ofenderia um amor de estátua?! Estendi-lhe, pois, uma vez a mão, ele despertou e continuou seu caminho com os passos lentos de um sentenciado que sobe as escadas de um patíbulo.

“Uma das fitas de meus cabelos roçou-lhe os lábios — e ele estremeceu como um convulso, levou a mão ao coração e disse, concentrando-se como se falasse a uma imagem, o que tinha dentro da alma, esta palavra que exprime o desespero de uma reflexão: *impossível*.

“Foi o som de uma harpa abandonada que a brisa de uma manhã arrancou das cordas enregeladas pelas geadas das noites, e que veio chegar-me aos ouvidos como um gemido longínquo.

“Eu compreendi que esse homem devia sofrer muito. Seria algum criminoso evadido das cavas de um cárcere?!

“Que o fosse! Eu tinha ouvido dizer que uma mulher inglesa tinha amado um forçado.

“Ele desapareceu. Pensei que tinha morrido e chorei, mas uma noite em que, sentada entre os canteiros de minhas flores, minha imaginação desenhava teu semblante pálido [167] na folha de uma magnólia onde vinha adormecer um raio da lua, eu vi-o contemplando-me, braços cruzados sobre o peito, recostado ao tronco de um cipreste na alameda.

“Em vez de pensá-lo uma sombra, corri para ele e perguntei-lhe por que sofria tanto.

“Assentou-me em seu joelho e com o outro cravado em terra, ele contou-me a sua história com uma voz compassada e triste como as palavras de uma oração.

“É ele quem fala, escuta:

‘Houve um tempo em que dois meninos passaram descuidosos sua infância, sem saber se haviam de amar tanto depois. A menina chegou à idade em que a virgem começa a corar como a mulher, o menino completava ao mesmo tempo dezessete anos.

‘Não valeu a um pai orgulhoso, alma conspurcada pela ambição, um amor que fazia deles uma só existência, um só coração em dois peitos, um só pensamento em dois cérebros, as mesmas palavras dos lábios rubros de um anjo nos lábios desmaiados de um mancebo pálido.

‘Ele viu entregar-se esse corpo precioso à mão de um nobre à face de Deus, porque não teve bastante ouro para comprá-lo a um velho avaro. Ela nunca foi tão bela como em seu dia de núpcias, ele nunca foi tão desgraçado como nessa hora terrível. Ela estava triste e resignada, ele só Deus sabe o que sentia. Ela era a múmia do amor recostada a uma coluna do altar; ele, uma sombra perdida na multidão, vulto negro de um louco que a dor emudecia.

‘Passou-se muito tempo: uma noite, faz hoje dezenove anos, era tudo fúnebre na câmara de uma mulher que jazia moribunda num leito.

‘Junto dela estava um mancebo que vergava a cabeça ao peso do sofrimento, uma menina de dois anos que sorria e um berço, onde se via dois gêmeos recém-nascidos adormecidos.

‘Esse mancebo era eu, esses gêmeos eram meus filhos, essa menina eras tu, essa mulher era tua mãe.

‘À cabeceira desse leito de morte eu jurei sobre tua cabeça — Bíblia da inocência de páginas douradas — o juramento de pedir-te em casamento um dia no futuro, como um protesto solene de uma recordação eterna daquela que meu amor tinha manchado; quando acabei de falar, ela sorriu e morreu.

‘Teu pai era poderoso — perseguiu-me, expatriou-me, fez-me viver dez anos como um proscrito. Uma vontade tenaz conseguiu emudecer-me para que minha voz guardada nas fauces me enrouquesse e mudasse. Desfigurei-me com uma máscara de seda, que me dava os traços de uma fisionomia natural; mudei de nome, de andar, de movimentos, e voltei então. Eu trazia um pensamento terrível, matá-lo, se só desse modo eu pudesse cumprir meu juramento.

‘Eu soube mais tarde que ele tinha morrido, mas não encontrei ninguém que me desse notícia de meus filhos, nem daquela que deveria um dia dizer no céu a Deus e ao anjo que eu amei, que Rolando tinha cumprido fielmente a sua promessa e baixava aos Infernos.

‘Um dia, porém, eu vi passar por diante de mim a imagem adorada de tua mãe, os mesmos olhos, os mesmos cabelos, o mesmo corpo, os mesmos encantos, a mesma virgem de dezenove anos, com a mesma voz, com a mesma alma talvez, com o mesmo nome, o sei hoje.

‘Eras tu, Cecília.

Por que não te amei, a ti que reproduzas como o espelho desenha a sombra de uma mulher que se mira? É um mistério de Deus; mas eu te amava como se ama o retrato de uma amante que se adora.

‘Impossível — disse eu quando soube que eras a donzela que eu buscava incansável a tanto tempo: eu venho hoje perguntar-te se o é, venho

oferecer-te um amor de pai, venho pedir-te os carinhos de uma filha, venho cumprir meu juramento.

‘E agora que ouviste, lê esta carta de tua mãe, contempla este retrato que te entrego, e amanhã, ou terei quem me enxugue as lágrimas, ou não existirá mais empecilho de quebrar um cérebro que me tortura com uma saudade eterna, porque terei cumprido minha missão na terra.

‘Adeus, minha filha.’

“Ele desapareceu de meus olhos, e eu fiquei chorando.

“O retrato desenhava uma moça e um mancebo, os mesmos semblantes de um que eu possuía.

“A carta que eu comparei com a letra de minha mãe, foi como um eco partido há dezenove anos da beira de uma sepultura, que me abençoava me implorando a mesma súplica que esse homem me havia feito.

“Acreditei, pois, em tudo e aceitei-o em casamento. Eu nunca tinha podido afagar a ideia de ser tua noiva, porque eu te amava como uma irmã. Eu ia livrá-lo de um suicídio, e eu ia cumprir a única súplica de minha mãe, e pura como uma virgem, trocando nessas núpcias sentimento de esposa pelo de filha, eu sempre te poderia dizer sem remorso e sem pejo, é sempre tu, Samuel, o ente que eu mais amo no mundo.”

— Não corais, mulher — interrompeu o mancebo com uma voz de possesso — de na hora solene do passamento zombar daquele que [168] fizeste tão desgraçado com essa mentira constante, proferida com todo despejo?

— É verdade — respondeu a moça indignada com o ar sublime de uma santa — eu esquecia-me que falava a um louco, seja embora aquele que eu amo como um irmão.

— Louco — repetiu o mancebo pensativo— pois bem, agora a vossa última vontade.

— Oh! Sim, concedei-me-a, Samuel. Ouvi-a: ensopa teus lábios no veneno e eu ali sorverei num beijo a morte de Adriana, sem a profanação de Djalma. Eu o sorverei todo e tu viverás.

— Não — respondeu o mancebo rangendo os dentes — haveis de morrer a ponto de meu punhal.

— E o teu juramento.

— O ateu que jura é como o cristão que apostata.

— E tua honra?

— É a minha vingança.

— E tua Cecília, Samuel?

O mancebo parou, mas de repente pronunciou compassadamente com uma voz cavernosa.

— É uma prostituta.

— Perdoai-lhe, meu Deus — exclamou a moça caindo de joelhos.

O moço suspendeu-a pelos cabelos, deu-lhe um beijo nos lábios e implacável como a fatalidade cravou-lhe a lâmina do ferro no coração.

A mão trêmula largou a trança que segurava, e o corpo tombou.

Ele cruzou os braços e contemplou o cadáver: não era o Mouro sorrindo vendo os paroxismos de Edelmonda, nem Rodolfo retorcido pelo remorso depois de ter assassinado Tisbe.

Era uma estátua de cal que representava a poesia do crime.

Ajoelhou-se; um grito estridente foi o único som de sua oração.

O mancebo tinha de feito enlouquecido.

V

Trinta anos depois, nessa mesma habitação inteiramente arruinada, passava-se uma cena triste e solene.

Era a confissão de um velho.

Ninguém reconhecia nesse *espectro de cabelos brancos*, carnes carcomidas, ombros curvados e de pálpebras rugadas, Samuel, o louco, o mancebo, ateu: era a imagem da desgraça embuçada no remorso.

— Padre — começou ele — que coincidência espantosa! Hoje é aniversário monstruoso de meus crimes, é também o intervalo lúcido que Deus me concedeu para pedir-vos a absolvição de minhas culpas.

“Escutai:

“Amei, e meu amor foi-me um veneno adocicado que o coração bebeu com sede do sentimento a enlouquecer-me a alma. Foi um cálice de ópio sorvido de um trago até a liga que me adormecera a consciência na hora do sacrifício, a dar-me um pesadelo em que se me afogava a honra num tanque de sangue.

“Foi um amor de Demônio a amar uma santa, padre.

“Ouvi-me esta vida como eu a vivi.

“Acordei um dia sobre uma enxerga de pobre, aos soluços de um velho, tinha oito anos. Até ali nada sei da minha vida, que talvez a vivesse como um moribundo num leito de doenças.

“Eu amei este velho como se fora meu pai: uma noite encontrei-o imóvel em sua cama de palha, pensei que dormia, mas já era um cadáver.

“Junto dele havia uma carta dirigida a Samuel: era meu nome, abri-a.

“A carta dizia-me: ‘Tiveste por berço o leito de morte de tua mãe, teu nascimento foi saudado pelo pranto de uma família.

‘Dois gêmeos nasceram: um eras tu, do outro não sei. Este pobre velho que te educou dormia todos os dias sobre a sepultura dessa mulher, cava esse túmulo e descobrirás uma urna.

‘Só deve abri-la nos paroxismos da morte – foi seu verdadeiro desejo –, respeita-o.

‘Uma fortuna imensa te há de ser entregue, sê feliz, meu filho, adeus.’

“Padre, foram as primeiras lágrimas que eu derramei: enxuguei-as e segui o meu destino.

“Escolhi a vida do marinheiro para viver distante da terra, como um desterrado do mundo.

“Concebeis a alma do órfão que nunca ouviu dos lábios de uma mulher essa palavra divina – meu filho?

“Concebeis um coração que não tinha uma virgem a quem num beijo dissesse – minha irmã?

“Concebeis um menino isolado no meio da multidão, que não encontrava um velho a quem ele chamasse – meu pai?

“Concebeis um cérebro sem a ideia de Deus, um peito sem sentimentos, uma imaginação sem sonhos, uma vida sem risos?

“Ao menos, padre, se eu soubesse de meu irmão! Mas nada aquecia-me esta alma fria, nada adoçava-me esta natureza áspera e seca.

“Só no mundo, amei o mar, o meu navio e o rugir da tempestade; mas o hábito enfraqueceu-me essa afeição estéril, o hálito das ondas tornou-se inodoro, o ringir do leme aborrido, e a trovoadá insonora.

[169] “Se sempre durasse o entusiasmo que eu sentia quando o tufão pendurava a fragata nas nuvens e de lá arrojava-a açoitada pelos vendavais num abismo cavado nas vagas negras do mar alto?!...”

“Mas, passaram.

“Depois... Quando mesmo embalando-se nos ares — um raio com seu cortejo infernal descambava sobre o convés —, impassível, eu me julgava a estátua da indiferença colocada na proa do navio, gênio das tempestades a presidir a borrasca.

“Era ateu, a fatalidade era meu Deus.

“Quis viver e não tive uma emoção, eu preferia a dor do tédio dessa existência apodrecida na monotonia, eu queria viver.

“Quantas vezes não tentei vir quebrar essa urna para encontrar um sentimento! Em meus sonhos de possesso, eu a idealizava um depósito de mistérios, uma fonte de emoções, que me saciaria essa sede de febricitante de meu espírito!

“Se ela encerra o segredo da desonra de minha mãe, dizia eu, perseguirei esse homem, embora meu pai, infatigável como Hércules na perseguição da Corça de pés de bronze do monte Erimanto. Serei inexorável, minha vingança será mais terrível que os espinhos que espicaçaram o coração vivo da condessa de Chateaubriand, uma hora de gozo será paga com a eternidade do cadáver. Sim, eu o juro, o laivo que nodoou a neve imaculada daquele corpo sagrado será enlaivada com o sangue negro que tressuará da esponja apeçonhada do coração desse homem.

“E depois eu sentirei talvez o arrependimento do parricida: vagarei pela terra com a alma acicalada pelos látegos dos remorsos, terei um sofrimento

que me ensope em fel o coração ressequido, e irei ajoelhar-me à meia-noite sobre a sepultura de meu pai, como as larvas dos maus condenados por Deus, que vagam sem tino pelo mundo e que vão postar-se alta noite sobre a catacumba de seus corpos, como se fossem corvos esfomeados partidos da eternidade que vem alimentar-se das carnes pútridas e diluídas de seus cadáveres afogados no tremedal dos cemitérios.

“Oh! Eu preferia essas agonias mordentes e lacerantes ao entorpecimento de minha vida gasta pelo aborrecimento e pelas náuseas do tédio!

“Mas eu respeitei a vontade de minha mãe, era só o que ela me havia pedido, era só o que me falava por ela, era só o que me dava uma obrigação de filho.

“E, não obstante, era tal o impulso de minha alma que eu deixava essa urna na choupana do velho, temendo que não pudesse dominar-me. Arriscava-me a morrer sem saber o que lá se encerrava e me ia sem ela, vela impelida por furacão, de um navio sem bússola.

“*Arrastado pelo rio do tempo para o Oceano sem praias de meu futuro, galho de um carvalho derrubado, eu boiava na superfície das barreiras de minha vida.*

“Minha pátria — gritava eu no meio da solidão das noites —, e o mar que se quebrava contra os cachopos era a única voz que me respondia.

“Minha mãe!... — e um eco prolongado parecia ir repetir no infinito — *minha mãe* — e só... Somente num relâmpago que se abria, eu julgava ver uma mulher de joelhos. Eu adormecia então soluçando, e meus sonhos eram como as trevas de uma noite sem estrelas.

“E, pois, que me importava morrer? Eu queria ao menos sentir os soluços agonizantes do moribundo. Ateu, desafiei Deus com blasfêmias: que se me mostrasse com toda a sua cólera; e nisso ia uma súplica de fé.

“Ele puniu-me, padre, de uma maneira espantosa.”

— Não, meu filho — interrompeu o sacerdote — Deus não se vingará, culpai a ordem das coisas, os passos do mundo.

— Escutai — continuou o velho.

“Não podendo mais suportar essa vida que vivia, ia escalfar-me nos alcouces do vício; apodrecer-me no lodaçal da prostituição; arrojá-lo aos lupanares pestíferos das orgias; eivar-me da podridão que exala o hálito das barrégãs; gastar-me e morrer no estrépito e confusão das crápulas, tendo o estalido de beijos lúbricos por pranto de morte, os lampiões do banquete por círios, e o chão lamacento da orgia por essa de meu cadáver.

“Ai, eu sonhava emoções! Sonhava o jogo, com sua imprudência sublime, com seu cinismo imundo, com seus sacrifícios depravados, com suas blasfêmias frenéticas e hórridas.

“Querida ver-me com os dentes cerrados, os olhos inchados, os beijos encrespados, os cabelos eriçados, os dedos entumecidos, afogueado, febril, louco e lívido diante de um pouco de ouro a rolar sobre o tapete ardente de uma banca, altas horas de vigília: queria ser um jogador como o Tremor de George Sand.

“Sonhava com essas crápulas de Balzac, com suas alternativas de silêncio e ruído, semelhantes às sinfonias de Beethoven. Querida, padre, escandecer-me de beijos de uma boca rubra e úmida de mulher, e tombar bêbado num delíquio lúbrico, no ângulo de uma rua, depois de uma saturnal

incendiada como [170] uma orgia de Byron, como um delírio de Hoffmann, como uma noite de Heliogábalo.

“Ia transpor o batente imundo dos bordéis da devassidão, como um turco que a depravação conduz ao *Obulum* de Constantinopla, quando um anjo enviado por Deus postou-se diante de mim para trancar-me o pórtico lúrido dos prostíbulos.

“Ainda era tempo. Eu não calquei as alfombras lutulentas dos lupanares, nem manchei minhas vestes em noite de embriaguez nos vômitos que ensanguentaram o chão da bacanal: amei.”

“O velho fez uma pausa, seus movimentos arrebatados trocaram-se pela prostração da saudade.

## VI

“Hoje, que existem sepultadas no poço sem fundo do coração as emoções que experimentei, já encobertas pelo limo do tempo e pelo gelo da velhice, eu me recordo da perfeição divina de suas feições, das fórmulas angelicais da mulher que amei.

“Era uma menina quando a vi pela primeira vez. Tinha as tranças desatadas, dourando-lhe os ombros como uma cascata de orvalho pendida do cálice de uma camélia, como um córrego d’águas douradas que corre chamalotado sobre uma alcatifa de neves.

“Anjo da inspiração, ela alumiou as trevas de meu coração. Não sabia ajoelhar-me, e dobrei o joelho em sua passagem; não sabia uma oração e adorei a sua imagem; era ateu, e chamei-a meu Deus.

“Acompanhei-a sempre, dia por dia. Oh! Como foi bela a aurora de sua virgindade, suas fórmulas de querubim a embeber-se dos encantos da mulher, seus seios que nasciam, casulo do amor tecidos pela virgindade!

“Que importa a sua beleza, padre! As expressões de um velho não descrevem os enlevos de uma donzela. Basta que vos diga que a amei como Sibecai, o Índio, amou Clotilde, a morrer por ela.

“No alto mar, em meu banco de quarto, eu via Cecília retratada na lua, como um quadro de moldura de ouro na tela azulada do céu; eu via na estrela que me servia de rumo me apontando o caminho; eu a via no pavilhão da fragata por entre a fumaça das bombardas; eu via na espuma das ondas, na vela que divisava ao longe, na lâmpada que alumia as noites silenciosas do navio.

“Oh! Eu a amei muito, padre: beijava todos os dias seu retrato, amava-o como o marinheiro ama a imagem da Virgem, tinha-o sempre sobre meu peito como uma nomina, e quantas vezes sentia-a ensanguentada em meu seio, durante o silêncio lúgubre da abordagem!

“Todo amor imenso é cheio de ciúmes; eu ensinei-a a amar-me, falei-lhe do mundo.

“E depois de meus conselhos, era-me um orgulho vê-la no baile com seu isolamento desdenhoso para a multidão, como Lelia no salão de Spuella. Só tinha uma vaidade, era o meu amor, só tinha um sentimento n'alma, era a afeição que me consagrava.

“Mas, ai — minhas palavras mataram para o mundo o coração de donzela, e Deus se tinha incumbido de matá-lo para mim...

Eu desembarquei um dia depois de uma longa viagem: tinha ganho os troféus de uma vitória, as franjas de umas dragonas, as glórias do

marinheiro... E vinha oferecer-lhe minha grinalda de louros para que com suas mãos perfumadas me a cingisse a fronte requeimada pelo bafo dos canhões. Eu vinha morto de saudade dizer-lhe de joelhos: Cecília, um riso teu vale mais que tudo isso, porque por teu amor eu esmolaria o pão do mendigo, roubaria como o bandido, aceitaria a infâmia do banido, do forçado, do sentenciado à morte.

Mas.....”

O velho empalideceu como um espectro: era a sombra da decepção projetada no espaço.

— Mas, padre, águia alcandorada nas nuvens do céu, baixei às profundidades do abismo da desgraça, açoitado pelo raio da fatalidade.

“Cecília casava-se nesse dia, dois homens duelavam por causa dela.”

O padre estremeceu.

— Corri ao lugar do combate, e apenas encontrei um moribundo que arquejava nas ânsias do pensamento; odiei esse mancebo cadáver porque amou-a, ia acabar de matá-lo quando ele me acenou a capela do casamento.”

O padre empalideceu como um busto de gesso e balbuciou convulso: *Encontrei-o*. O velho não o ouviu: em pé, inteiriçado, os olhos injetados, prorrompeu com uma voz seca e infernal apertando o pulso do sacerdote.

— Padre, eu entrei... estavam sós... eles acabavam de casar-se...

“...Oh! Eu matei esse homem perante o altar de Deus, arrastei essa mulher pelos cabelos e estampeei-lhe na fronte o ferrete da adúltera.

“Perdão, perdão — exclamou ele caindo de joelhos. Era um pedaço de mármore onde estavam traçados os toques do remorso e da desgraça, era Vishnu, a estátua sem pés e mãos do templo dos índios.

— Mas esperai — disse ele, erguendo-se — [171] quando a desesperação passou, eu medi a profundidade do mal.

“Eu conhecia Cecília profundamente para saber que então a vida lhe seria mais insuportável que a morte, e que a desonra a mataria lenta e dolorosamente.

“Eu devia, pois, assassiná-la para encurtar o prazo de suas torturas, eu devia perdê-la para sempre, matá-la com o meu punhal, que essa era a maior dor que eu podia cismar, a única penitência capaz de remir minha alma de ateu.

“Embuti-me na maldade, mascarei-me com a hipocrisia, carreguei-a de ferros, declarei-lhe que ia arrancar-lhe o coração dentre as suas roupas de noiva, para que ela me odiasse e não me agradecesse a morte.

“Eu reconheço hoje, era um raciocínio de louco, mas ia executar esse intento infernal como um alívio para ela, como uma punição terrível para mim.

“Lembraí-vos da carta do velho que me educou?! Ainda tinha uma missão que cumprir junto ao túmulo de minha mãe — o chão que pisam agora os pés do miserável que vos pede absolvição.

“Só me restavam três atos para completar meu destino: matá-la, abrir essa urna enterrada há dezenove anos numa sepultura, e suicidar-me, padre.

“Mas Deus quis ainda martirizar-me, e enviou-me a loucura, como um letargo em que se adormecia minha alma, em sonhos que reproduziam as agonias derradeiras de Cecília.

“Despertei um dia num intervalo lúcido nesta choupana onde uma mulher caridosa me tratava. E dela, que eu tinha deixado ali tão bela mesmo

no seu cadáver, de tanta beleza só restava um pouco de pó, e um crânio descarnado de uma cabeça de mulher.

“Encontrei a urna diante de mim, como um sinal que me lembrava o que devia fazer.

“Abri-a: havia dois retratos e uma carta. Oh! Eu amaldiçoei a memória de minha mãe.”

“Padre — disse o velho soluçando — esse homem que eu assassinei era meu pai, essa mulher que eu prostituí era minha irmã.

Ajoelhou-se: já estava calmo e sossegado. Suas faces aradas pelas lágrimas, seu corpo alquebrado pelo desespero, seus cabelos encanecidos, sua longa barba pendida sobre o peito, tudo se assemelhava ao tronco de uma árvore mutilada pelas tempestades, e que sobre a folhagem emurchecida o inverno distende o seu lençol de neve, sudário da vegetação talhado pelo tempo.

— Há perdão para meus crimes? — prosseguiu o velho — Há perdão para quem amaldiçoou a memória de sua mãe, para o adúltero da esposa do seu pai, para o fratricida, para o sacrílego, para o incestuoso, para o parricida, para o ateu?

O sacerdote levantou a cabeça: seu aspecto venerável, sua sotaina de padre, sua voz grave, faziam desse homem nessa hora solene a imagem de Deus.

— Velho — respondeu ele — o remorso é o batismo do crime. O cristianismo fez do arrependimento irmão da inocência, lembrai-vos que São Pedro, o apóstata, foi o Chefe da Igreja de Cristo, e, pois, em nome de Deus, eu vos perdoo.

— Oh! Minha mãe! Padre, perdoai também ao suicida.

Um tiro de pistola soou. E um eco repetiu mais adiante o último soluço de um moribundo.

Como tomba a cruz da catacumba sobre o chão do cemitério, assim rolou o cadáver de Samuel sobre a sepultura de sua mãe. O sacerdote ergueu os olhos aos céus, e disse, soluçando:

– Que fatalidade, meu Deus.

## VII

O padre era o moribundo do duelo.

Era o irmão gêmeo de Samuel.



### FICHA TÉCNICA

**Coordenação:** Júlio França e Oscar Nestarez

**Coordenação de pesquisa:** Daniel Augusto P. Silva

**Preparação e revisão textual:** Amanda Marinho, Ana Giulia Mussury, Arthur Dias Fontes, Larissa Adur e Rosane Russo.

**Design gráfico:** Renata Luz e Ana Giulia Mussury

**Tênebra**

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras

